

**A RESISTÊNCIA
FEMININA EM *LES FOUS*
DE BASSAN DE ANNE
HÉBERT**

**WOMEN'S RESISTANCE
IN ANNE HÉBERT'S *LES*
*FOUS DE BASSAN***

Lílian Virgínia Pôrto ¹
Ofir Bergemann de Aguiar ²

¹ Docente da Universidade Federal de Goiás. Doutoranda em Letras e Linguística na mesma instituição. Bolsista CAPES.

² Docente da Universidade Federal de Goiás. Doutora em Letras pela UNESP – São José do Rio Preto.

RESUMO: O objetivo deste trabalho é o de analisar as relações de poder e resistência feminina na obra *Les fous de Bassan* (1982), da escritora quebequense Anne Hébert (1916-2000). Para tanto, recorreremos a textos de Michel Foucault (1926-1984) em que ele discute sobre poder e resistência. Trata-se, mais precisamente, de examinar como a mulher se posiciona frente às situações que a condenam à obediência e ao silêncio, características de uma sociedade do tipo patriarcal. Destacaremos os meios utilizados pela mulher hebertiana para expressar o seu descontentamento face às regras do patriarcalismo vigente em Griffin Creek, pequeno vilarejo fictício da província do Quebec em que a narrativa se desenvolve. Esperamos mostrar que a mulher, no romance em pauta, não aceita, como alguns críticos assinalam, a submissão e o controle aplicados sobre o seu corpo e sobre o seu espírito. Ela resiste, a partir do lugar que ela ocupa e sem grandes embates.

PALAVRAS-CHAVE: poder e resistência, *Les fous de Bassan*, Foucault.

ABSTRACT: The aim of this paper is to analyze the relations of power and women's resistance in *Les fous Bassan* (1982) by Quebecker writer Anne Hébert (1916-2000). To this end, we will resort to texts of Michel Foucault (1926-1984) where he discusses power and resistance. More precisely, we examine how the woman opposes herself to the situations that condemn her to obedience and silence, characteristics of a patriarchal society. We will emphasize the ways in which the hebertian woman expresses her discontent with the prevailing rules of patriarchy in Griffin Creek, a small fictional village in the province of Quebec where the narrative unfolds. We will show that in the novel in question, the woman does not accept, as some critics point out, submission and control applied to her body and spirit. She resists, from the place she occupies and without major clashes.

KEYWORDS: power and resistance, *Les fous de Bassan*, Foucault.

A crítica literária não é unânime em atribuir ao romance *Les fous de Bassan* (1982), da escritora quebequense Anne Hébert, um caráter feminista. Suzanne Lamy (1982, p. 3³) afirma que se trata do “romance da irresponsabilidade” porque, segundo ela, a obra apresenta alguns clichês do anti-feminismo, entre eles: a “imagem de uma sexualidade grosseira (violentar/ser violentada)”, “a interdição, para as mulheres, de assumir sua sexualidade”, a presença da “má mãe”. Essa assertiva encontra

³Todas as citações que remetem a textos em língua estrangeira foram por nós traduzidas.

vozes de outros autores que acreditam que a mulher, nesse romance, não se posiciona contra a opressão masculina vigente em Griffin Creek, pequeno vilarejo fictício da província do Quebec em que a narrativa se desenvolve. Em outras palavras, a mulher aceita a submissão e não resiste às formas de controle aplicadas sobre o seu corpo e espírito. Outros críticos, no entanto, veem, tanto no conteúdo, quanto na escrita de Hébert, um modo de denunciar os abusos do patriarcalismo. Nesse sentido, Neil Bishop (1984, p. 129) chama a atenção para a estrutura narrativa do romance, observando que há uma “substância ideológica de caráter feminista”, que articula “uma ideologia da liberação e da plenitude das mulheres”.

Partindo dessas divergentes manifestações relativas à recepção dessa obra, elaboramos a hipótese de que, para muitos leitores – sejam eles especializados ou não –, é difícil reconhecer, tanto a denúncia do patriarcalismo, quanto a resistência feminina nesse romance, porque se está acostumado a pensar o poder e a resistência como grandes embates. São alguns escritos de Michel Foucault, que tratam das relações de poder e resistência, que nos permitem levantar essa hipótese. Para o filósofo, não existe “o lugar da grande recusa” ou da “grande revolta” (FOUCAULT, 1988, p. 106). Ele sustenta, ainda, que “não existem relações de poder sem resistências, estas são na mesma proporção mais reais e mais eficazes, pois se formam lá mesmo onde se exercem as relações de poder” (FOUCAULT, 1988, p. 107). Os textos de Foucault oferecerem-nos instrumentos teóricos para a interpretação dos gestos femininos, em relação à condição de inferioridade da mulher, no universo fictício criado por Anne Hébert. Com base neles, procuraremos analisar as relações de poder e resistência feminina em *Les fous de Bassan*.

Cabe esclarecer que a classificação do romance em estudo como feminino ou de perspectiva feminista ultrapassa o nosso propósito para este trabalho. Entretanto, concordamos com Rita Felski (1989, p. 14), quando ela afirma que textos feministas são todos aqueles que – independentemente da forma – apontam e criticam a posição subordinada das mulheres

e examinam as questões ligadas ao gênero, enfim a construção social do masculino e do feminino. Com efeito, veremos, mais adiante, que o texto hebertiano revela os meios utilizados pelo patriarcalismo para se perpetuar e perpetuar um quadro social em que a mulher aparece como submissa. Nessa perspectiva, é evidente que Hébert oferece, à mulher, um espaço fictício em que se expõem as misérias suportadas por ela num quadro social de dominação patriarcal.

Esse aspecto é de suma relevância, se consideramos o contexto de produção do romance em pauta, pois a província do Quebec sofreu intensa influência da ideologia clerical que prega a submissão da mulher à família e à Igreja – cabendo a ela perpetuar a raça e conservar a língua e a cultura francesas. Filha dessa tradição, Anne Hébert denuncia, em sua obra, a atmosfera de sufocamento e de alienação que promove a religião – catolicismo em *Les enfants du sabbat* (1975) e protestantismo em *Les fous de Bassan* (1982) – e também revela o desejo de liberar a mulher da escravidão patriarcal. Neste ponto, é importante ressaltar que Hébert se declarou sensibilizada pelas questões que envolvem a luta feminista. Em 1988, durante um congresso em Montreal, ela sustentou: “não se pode ser mulher sem ser feminista!” (BISHOP, 1993, p. 207). Ora, essa declaração é significativa para a análise que propomos neste trabalho, uma vez que mostra que a não filiação de Hébert ao movimento de literatura engajada não atenua suas preocupações em relação à condição da mulher. Porém, para que essa denúncia se efetive em sua obra, não é necessário que a autora faça do seu texto, de maneira explícita, um palco de reivindicações feministas. Dessa ausência declarada de reivindicação de emancipação das mulheres no romance, talvez decorra a opinião de críticos como Lamy (1982), que não consideram suficiente o fato de Anne Hébert desenhar o meio em que a mulher está inserida e fazer questão de evidenciar os conflitos e os problemas acarretados no seio das famílias, como resultado de uma aceitação cega dos dogmas do patriarcalismo, entre eles, o da servitude feminina aos seus e à Igreja.

Feitos esses apontamentos, assinalamos que o que nos

interessa aqui é, particularmente, examinar como a mulher hebertiana se posiciona frente às situações que a condenam à obediência e ao silêncio, características de uma sociedade do tipo patriarcal. Para tanto, analisaremos as consequências de uma tirania patriarcal imposta pela Igreja por meio da manipulação da palavra exercida por aquele que se diz representante de Deus, o pastor Nicolas Jones, personagem de *Les fous de Bassan*. Veremos em que medida essa manipulação da palavra se transforma em abuso de poder para controlar os fiéis e, especialmente, as mulheres do seu rebanho.

FOUCAULT E OS ESTUDOS FEMINISTAS

É oportuno destacar que devemos ser cautelosos com o uso extensivo dos trabalhos de Michel Foucault para análises no âmbito dos estudos feministas, pois o filósofo não se dedicou ao estudo e à análise das práticas sociais que afetam a mulher em particular. Entretanto, alguns estudiosos acreditam que, apesar das limitações da teoria foucaultiana para examinar os aspectos estruturais da opressão das mulheres, é possível beneficiar-se da interação entre feminismo e Foucault (HEKMAN, 1996). Lembremos que tanto um quanto outro entendem que os sentidos são construídos culturalmente. Contudo, cabe esclarecer que o filósofo analisou “sexo e sexualidade” como construtos sociais, mas não discutiu especificamente a questão da mulher e da construção do gênero (HEKMAN, 1996, p. 2). Daí a preocupação em se recorrer aos trabalhos de Foucault em um nível complementar e não absoluto.

Fazer recortes e aplicar a metodologia foucaultiana em tópicos particulares pode ser frutífero, conforme assinala Amy Allen (1996, p. 275): “feministas podem aprender lições valiosas com Foucault sobre como investigar os trabalhos do poder”, além disso, trata-se de metodologia útil para o desenvolvimento de uma teoria feminista de poder. Com isso, o foco recai mais sobre metodologias do que em teorias *per se*. Nessa perspectiva, Allen (1996, p. 267-268) questiona se a teoria

foucaultiana do poder é válida para o feminismo e conclui que ela é útil para análises de situações em micro-níveis, que “examina[m] uma relação específica de poder entre dois indivíduos ou grupos de indivíduos”.

É nesse sentido que a analítica do poder e da resistência desenvolvida por Foucault constitui recurso pertinente para estudarmos as relações que se estabelecem entre os habitantes do vilarejo de Griffin Creek. A partir do momento em que o filósofo afirma a não onipotência de um poder e a existência de micro-poderes e de resistências móveis e flexíveis (FOUCAULT, 1979), ele oferece instrumentos teóricos que nos auxiliam a refletir sobre a questão das relações de poder e resistência em situações cotidianas, permitindo, assim, a análise efetiva dos gestos de resistência da mulher hebertiana, por mais humildes que eles possam parecer.

Essa proposta, que trata de micro-poderes e de micro-resistências, possibilita-nos observar como Hébert reprova o funcionamento do patriarcalismo e coloca em evidência a resistência da mulher no lugar social que ela ocupa, ou seja, no interior de suas relações com o universo familiar. Na ótica de Foucault, “todo e qualquer lugar social pode ser palco da resistência” (DUARTE, 2006, p. 48). Assim, não é preciso esperar que a mulher deva sair do seu lugar e ocupar outro no ringue da batalha pública para que seus gestos de insatisfação sejam tomados como válidos, pois, para Foucault (1979, p. 46), a resistência é inerente ao poder e o indivíduo pode começar a luta “onde se encontr[a] e a partir de sua atividade (ou passividade) própria”.

PODER E RESISTÊNCIA SEGUNDO FOUCAULT

De acordo com Foucault, o poder não é uma entidade onipotente que está concentrada no Estado, tampouco uma mercadoria. Para este filósofo, o poder é uma prática social construída historicamente, é algo que se exerce. Nas suas palavras: “o poder não é uma instituição e nem uma estrutura, não

é uma certa potência de que alguns sejam dotados: é o nome dado a uma situação estratégica complexa numa sociedade determinada” (FOUCAULT, 1988, p. 103). Roberto Machado discorre sobre esse conceito de Foucault, da seguinte forma: “Não existe algo unitário e global chamado poder, mas unicamente formas díspares, heterogêneas, em constante transformação. O poder não é um objeto natural, uma coisa; é uma prática social e, como tal, constituída historicamente” (MACHADO, 1979, p. 10). Destacamos aqui a importância de se compreender que o poder está em toda parte porque “provém de todos os lugares” (FOUCAULT, 1988, p. 103). Trata-se de uma rede de relações móveis e flexíveis e não de algo estático.

É fundamental observar que o poder é comumente entendido como algo que reprime, restringe, faz calar, faz ouvir. Na perspectiva foucaultiana, contudo, a ideia de relações de forças significa, também, incitar, suscitar, incentivar, fazer falar (FONSECA, 2003, p. 33). Desse modo, o poder passa a ter também um valor positivo, no sentido de que ele produz algo, produz saber, determina ações e torna possível a manifestação de resistências. Segundo Foucault, se o poder implicasse apenas repressão, haveria apenas uma relação de obediência, e essa situação apagaria toda possibilidade de resistência. Por esse motivo, o filósofo afirma que precisamos

deixar de descrever sempre os efeitos de poder em termos negativos: ele “exclui”, “reprime”, “recalca”, “censura”, “abstrai”, “mascara”, “esconde”. Na verdade o poder produz; ele produz realidade; produz campos de objetos e rituais da verdade (FOUCAULT, 1987, p. 218, grifos do autor).

Definido como relações de forças, fala-se em poder como exercício que se opera e não de algo que se possuiu. Foucault (1979, p. 241) enfatiza que, onde existe uma relação de poder, há sempre uma possibilidade de resistência, ou melhor, de várias resistências:

[os] pontos de resistência estão presentes em toda a rede de poder. Portanto, não existe, com respeito ao poder, um lu-

gar da grande Recusa – alma da revolta, foco de todas as rebeliões, lei pura do revolucionário. Mas sim resistências, no plural, que são casos únicos: possíveis, necessárias, improváveis, espontâneas, selvagens, solitárias, planejadas, arastadas, violentas, irreconciliáveis, prontas ao compromisso, interessadas ou fadadas ao sacrifício; por definição, não podem existir a não ser no campo estratégico das relações de poder (FOUCAULT, 1988, p. 106).

Essa abordagem foucaultiana, que coloca a resistência como sendo condição *sine qua non* para que o poder se exerça, desestabiliza o discurso reiterado por parte da crítica de que a mulher é completamente submissa ao discurso de Nicolas Jones. Ora, em *Les fous de Bassan*, os focos de resistência feminina estão espalhados por toda a narrativa. Nela, encontramos a resistência criativa das gêmeas Pat e Pam, a resistência solitária e silenciosa de Felicity, a resistência fadada ao sacrifício de Irene e a resistência subversiva de Nora, para citar apenas algumas.

Segundo Foucault (1979, p. 241), para que a resistência seja eficaz, ela precisa ser como o poder: “[t]ão inventiva, tão móvel, tão produtiva quanto ele”. Nessa direção, a resistência é inseparável das malhas do poder, e se o poder está em todo lugar (FOUCAULT, 1988, p. 103), a resistência é a “possibilidade de criar espaços de lutas e de agenciar possibilidades de transformação em toda parte” (REVEL, 2005, p. 74).

Dessa maneira, em *Les fous de Bassan*, os gestos de insatisfação da mulher diante de uma vida de repreensões e renúncias vão criando, gradativamente, condições para se formar uma nova consciência feminista, pois se “não houvesse resistência não haveria nenhuma forma de mudança nas relações de poder” (SAMPAIO, 2007, p. 96). É evidente que ainda se trata de uma consciência feminista em formação, de um “feminismo pouco consciente de si mesmo, mas nem por isso, menos real” (BISHOP, 1984, p. 124), uma vez que as jovens Nora e Olivia sentem que elas têm ou deveriam ter liberdade de escolha. Quanto às transformações, elas acontecem no momento em que a mulher toma consciência de que vive uma situação

de desigualdade e revela-se descontente com ela, pois a “liberação pessoal [...] precede e anuncia a liberação coletiva” (SAINT-MARTIN, 1989, p. 264-265). É justamente porque o poder produz essa possibilidade de serem criadas novas formas de vida que veremos que Felicity age no sentido de buscar um espaço para estabelecer uma nova relação consigo mesma, ao passo que sua neta, Nora, não consegue reter o desejo de dizer ao mundo o que sente e de reivindicar novas formas de vida.

É pertinente sublinhar que os gestos de resistência das personagens femininas de *Les fous de Bassan* não subvertem, de maneira definitiva, a ordem patriarcal, nem alcançam ainda a esfera pública. Eles se restringem ao universo em que essas personagens estão inseridas. Porém, com base na analítica foucaultiana, podemos afirmar que eles são significativos, já que as resistências não precisam ocorrer na forma de grandes embates para que sejam eficazes e abalem as estruturas de determinada relação de poder, conforme se observa no seguinte fragmento do filósofo:

Grandes rupturas radicais, divisões binárias e maciças? Às vezes. É mais comum, entretanto, serem pontos de resistência móveis e transitórios, que introduzem na sociedade clivagens que se deslocam, rompem unidades e suscitam reagrupamentos, percorrem os próprios indivíduos, recorrendo-os e os remodelando, traçando neles, em seus corpos e almas, regiões irredutíveis (FOUCAULT, 1988, p. 106-107).

PODER E RESISTÊNCIA FEMININA EM *LES FOUS DE BASSAN*

Na obra *Les fous de Bassan*, é contada a história do desaparecimento misterioso de duas garotas de Griffin Creek na noite de 31 de agosto de 1936. O drama é, mais especificamente, o assassinato que Stevens Brown comete contra suas primas Nora e Olivia Atkins. Assinale-se que esta última foi primeiramente violentada. Assim, o romance gira em torno desse único evento do passado, que é recontado por cinco diferentes

narradores em seis partes, que correspondem ao livro do reverendo Nicolas Jones (outono de 1982); às cartas de Stevens Brown a Michel Hotchkiss (verão de 1936); ao livro de Nora Atkins (verão de 1936); ao livro de Perceval Brown e de alguns outros (verão de 1936); ao texto de Olívia de la Haute Mer (“diário de uma morta”, sem data), e pela última carta de Stevens Brown a Michel Hotchkiss (outono de 1982). É essa estrutura narrativa, que dá voz a duas das personagens femininas do romance, que é ressaltada por Neil Bishop (1984, p. 129), ao tratar da “substância ideológica de caráter feminista” da obra em estudo, conforme mencionado no início deste trabalho.

Da leitura do início do romance, depreende-se uma aparente tranquilidade em Griffin Creek. Anne Hébert apresenta a descrição de uma comunidade que leva uma vida monótona e assinala que seus habitantes “arrastam os pés da Igreja para casa, da casa para os prédios” (T⁴, p. 14). Todos vivem da mesma maneira, frequentam a mesma igreja, têm os mesmos costumes, falam a mesma língua e são ligados por laços de parentesco.

O reverendo Nicolas Jones é o único que tem o “poder de dizer aquilo que funciona como verdadeiro” no seu vilarejo, utilizando-se aqui os termos de Revel (2005 p. 86). Seu discurso é o da submissão às leis da religião e o do machismo em relação às mulheres. Os habitantes de Griffin Creek são protestantes guiados e policiados pela religião. Assim, o discurso do pastor tem poder de polícia na medida em que ele controla – ou tenta controlar – os atos de seus fiéis.

Na vida íntima, Nicolas mantém um relacionamento problemático com Irene, sua esposa. Ele a despreza porque acredita que ela é estéril, pois não conseguiram ter filhos. Ele chega a exprimir o desejo de repulsa em relação à mulher: “Em outros lugares, sob outras leis, eu já a teria repudiado, às vistas e com o conhecimento de todos, como uma criatura inútil” (T, p. 23).

⁴As citações do romance em estudo foram extraídas da tradução em língua portuguesa (HÉBERT, 1986) e são referenciadas pela letra T, **seguida do número da página.**

Pastor narcisista que “cantarola e [se encanta] com o eco da própria voz” (T, p. 29), Nicolas zela pela ordem estabelecida no seu vilarejo. Porém, percebemos que essa ordem não é perfeita, pois, entremeando o discurso masculino que predomina na narração, há vozes femininas, que tentam encontrar o seu lugar, que desejam denunciar um modo de vida que as oprime, bem como contradizer o discurso sexista do pastor. Lembramos, aqui, de Foucault, que ressalta que, frente a toda ordem estabelecida, há sempre possibilidades de resistência e de revolta.

A ordem estabelecida por Nicolas Jones em Griffin Creek pretende controlar os comportamentos e as almas de seus habitantes, mas são as mulheres o objeto de vigilância permanente do reverendo. Stevens, seu sobrinho, observa que o tio é o único capaz de acalmar as mulheres do vilarejo e de “fazê-las se conformarem [ao mundo abafado que representa a domesticidade]. Em nome de Deus e da lei da Igreja que sabe colocar as mulheres no seu devido lugar” (T, p. 87-88). Este trecho é significativo porque coloca em evidência a violência exercida contra as mulheres nas malhas do próprio discurso religioso. Nicolas Jones apóia-se em trechos bíblicos para declarar o seu poder: “Aprendo de cor os salmos de David. Recito-os de pé num rochedo que domina o mar. Dirijo-me às águas desejando falar mais alto do que elas, convencê-las da minha força e do meu poder” (T, p. 25).

Apesar da segurança que se depreende da passagem que evocamos, Nicolas é um homem dividido entre os dogmas da religião e seus desejos. Obcecado pelo passado, o reverendo vive em uma atmosfera sombria de lembranças que o atormentam há 46 anos: “Só Deus poderá lavar-me da sombra do meu erro e, comigo, toda Griffin Creek que eu arrasto para a sombra do meu erro” (T, p. 46). O discurso bíblico é, para Nicolas, um meio de manipular os fiéis e, principalmente, as sobrinhas Olivia e Nora, conforme se comprova em: “Senhor das santas Escrituras, eu lhes falo em nome de Deus. Há algum tempo, escolho ainda com mais cuidado os salmos e os hinos do domingo pensando nas meninas Atkins” (T, p. 27). Observemos,

na passagem que segue, que Nicolas se refere às sobrinhas como se fossem “jovens noivas”, fato que indica o seu interesse – que não é inocente – em relação às meninas:

suas almas infantis amadurecem e formam-se no esplendor da Escritura. Preparo-as como jovens noivas, atentas ao canto do amor que caminha para elas, à luz do verão. Faço modulações. Artigo cada som, cada sílaba, faço com que o sopro da terra passe do Verbo de Deus (T, p. 27).

Nicolas abusa do poder que sua função lhe confere e violenta sexualmente sua sobrinha Nora. Ele é consciente de sua corrupção: “mergulho no sono com meu pecado que mergulha comigo, no fundo da noite” (T, p. 44). Mas não assume o seu erro e usa o discurso bíblico, que responsabiliza a mulher pela perdição masculina, para convencer a sobrinha da sua culpa: “Meu tio Nicolas deu um salto e levantou-se. Seu corpo pesado estala nas articulações. Diz que eu sou má. Fecha os punhos. Parece querer bater em mim. Diz que foi por mim que o pecado entrou em Griffin Creek” (T, p. 129).

O reverendo acredita que seu discurso lhe assegura o controle absoluto de seu vilarejo. Contudo, ele prepara seus sermões pensando em atingir um resultado que não pode realmente controlar, pois os poderes e os sentidos, que o enunciador propõe, podem ser silenciados diante do gesto de leitura de quem os interpreta. Como acontecimento, o discurso possibilita a irrupção de novas interpretações (KHALIL, 2004, p. 223). Nicolas Jones ignora os efeitos daquilo que ele diz e, como consequência, não consegue evitar que ocorram subversões ou resistências.

Consciente dos desejos incestuosos que nutre o marido pelas sobrinhas, Irene “finge que está rezando, à noite, quando [Nicolas Jones] cheg[a] perto dela, finge que está vivendo há muito tempo, ao que parece” (T, p. 43). Podemos afirmar, assim, que a descoberta do caráter frívolo do marido e a falta de diálogo e companheirismo entre o casal Jones é que levam Irene ao suicídio. É importante sublinhar que o suicídio de

Irene não é resultado de um ato impetuoso, mas sim refletido, pois como o próprio pastor assinala, ela compra uma nova corda, especialmente para a ocasião: “A corda nova que ela comprou propositadamente no armazém geral. Esta mulher sabia o que estava fazendo, por que fazia e o fez sozinha, de noite, no celeiro [...]” (T, p. 47-48).

A resistência de Irene fica, assim, fadada ao sacrifício. E o seu ato extremo transforma-se em um gesto perturbador da tirania patriarcal de seu marido. O suicídio de Irene, a nosso ver, significa um modo de libertação. Foi a maneira de ela dizer “não” à sua vida sufocante.

De forma diferente, Pat e Pam expressam sua resistência, como pode ser observado no episódio da “galeria dos antepassados”, narrado por Nicolas Jones. Essa passagem remete-nos ao conceito de resistência, segundo a analítica foucaultiana, como “um processo de criação, possibilidade de transformação” (SAMPAIO, 2006, p. 72). Homem sem descendência, o pastor decide construir um anexo ao presbitério para instalar uma galeria de seus ancestrais, que serviria para “confirmar a perenidade de seu sangue” (T, p. 14). Para representar as mulheres do passado, recorre às suas sobrinhas Pat e Pam. Concede-lhes o direito de pintar, deixando, assim, um espaço aberto para a liberdade. Nesse interstício, aparece a resistência.

No lugar de representar a ascendência do reverendo, seguindo a cronologia imposta por ele, as gêmeas Pat e Pam fazem surgir sobre o muro do presbitério, entre outras, as figuras de Nora, Olivia e Irene. Escrevem, de maneira desordenada, embaixo dos quadros, com “letras de forma, brilhantes” (T, p. 16), os nomes dessas mulheres que seriam relegadas ao esquecimento. Surgem também, sob os pincéis, “cascatas de rendas, babados, xadrezes, bolinhas, listas multicores, flores, folhas [...]” (T, p. 16). Essas imagens destacam sua criatividade e ousadia, se comparadas com os quadros pintados pelo pastor, em que predomina a monotonia do tom cinza: “de sobrecasaca preta e camisa branca, meus antepassados surgem como as figuras planas das cartas do baralho”

(T, p. 15). Nicolas se irrita ao ver que as gêmeas não seguiram suas ordens:

Pondo de lado a cronologia, inventando avós e irmãs em profusão, as gêmeas descobrem o prazer de pintar. Respingadas de tinta da cabeça aos pés, elas extasiam-se diante de suas obras. Sentem um prazer maldoso apesar de eu o ter proibido, ao fazer surgir na parede, muitas vezes, as meninas Atkins e Irene, minha esposa [...] Uma parede inteira estragada. A própria idéia⁵ da galeria sabotada, saqueada. Eu não deveria ter deixado que as gêmeas soltassem a imaginação na galeria dos antepassados (T, 16-17).

Diante de seu projeto “destruído” pelas gêmeas, o reverendo fecha a galeria dos antepassados e as proíbe de usarem as tintas e os pincéis. Pela primeira vez, elas “protestam”: “Suas carinhas enrugadas, seu ar teimoso. Baixam a cabeça com os olhos cheios de lágrimas. Suplicam que as deixe ficar com os potes de guache e os pincéis” (T, p. 18). Esta resistência, improvável, surpreende o pastor que declara: “Há tanto tempo que digo *a uma vai e ela vai, e à outra vem e ela vem*, que seu repentino protesto me espanta” (T, p. 18, grifos da autora).

Nicolas Jones não pode aceitar que o discurso feminino de Pat e Pam sobreponha ao seu, que representa a norma patriarcal. Nesse quadro ideológico, a “escrita-pintura” das gêmeas, conforme denominação de Anne Ancrenat (1999), transforma-se em um “exercício de liberdade e autonomia, de resistência e criação”, retomando-se aqui as considerações de Sampaio (2006, p. 127). Trata-se do primeiro discurso masculino, do romance em pauta, que é atravessado por uma “escrita” feminina. A intervenção das gêmeas na galeria dos antepassados resgata, simbólica e subversivamente, a história das mulheres do vilarejo.

Outra personagem feminina que parece não concordar com a ordem estabelecida em Griffin Creek é Felicity. Mãe do pastor, ela se recusa a jogar o seu jogo. Nega-se a falar com aqueles que abusam do poder discursivo. Admirada pelo filho

⁵ Mantivemos a grafia do texto original.

e pelos netos, Felicity não é narradora de nenhuma das partes do romance, mas sua presença é evocada em todas elas. Felicity rompe com a ordem dominante, na medida em que ela se dedica a uma atividade considerada pouco nobre para uma mãe: cuidar da sua relação consigo mesma. A sua recusa em tomar parte desse jogo patriarcal não é exemplo de aceitação de sua condição de cativeiro, como poderíamos supor, pois, na ótica foucaultiana, a recusa ao jogo faz parte dos mecanismos da resistência, conforme sustenta Sampaio, citando Foucault:

para a resistência [...] conseguir ou obter êxito faz parte da luta no cotidiano contra o poder, não com o objetivo de entrar no jogo e reivindicar direitos para permanecer jogando, mas fundamentalmente, de uma recusa ao jogo. Formas de lutas e combate, difusas e descentralizadas, onde o que está em questão não é “somente” a exploração e a desigualdade, mas “é o fato que um poder se exerce, e que só o fato que ele se exerça seja insuportável” (SAMPAIO, 2007, p. 18-19, grifo da autora).

Felicity mostra-se ultrajada em ter que aceitar as traições do marido e os seus maus tratos. Um hematoma no seu corpo, com aspecto “envelhecido”, sugere as agressões sofridas: “vê-se uma mancha cor de café com leite no seu ombro direito” (T, p. 34). A sujeição que deve ao marido é revelada, por exemplo, na passagem seguinte: “nem uma lágrima, nem um grito. Felicity Jones dá à luz filhos e filhas ao bel-prazer de seu marido” (T, p. 33). Para tentar sobreviver a essa vida de insatisfações, todos os dias pela manhã, antes do por do sol, ela caminha pela praia sozinha e mergulha nas águas geladas do mar. Seu filho Nicolas, ainda criança, insiste para que ela o leve, mas ela lhe diz “não”, gentilmente, “baixinho como ao sair de um sonho” (T p. 35). Ela é a única mãe do romance que se permitiu ter uma hora de solidão, longe das obrigações conjugais e domésticas.

Trata-se de atitude que poderia ser criticada e apontada como frieza maternal. À luz das reflexões de Foucault, entretanto, essa escolha pode ser vista como uma necessidade de Felicity constituir-se como sujeito de sua própria existência. O

isolamento e o silêncio são seus instrumentos de resistência contra um modo de vida que visa a controlar os seus pensamentos e a determinar os seus desejos. Felicity é vítima de abuso físico, mas o domínio do patriarca não consegue abafar em seu coração o desejo de viver certa liberdade. Esses gestos humildes de uma mulher que tem “o olhar perdido no mar cinzento” (T, p. 34) podem ser considerados símbolos de sua vontade de se reapropriar de sua relação consigo mesma, se retomarmos as discussões de Revel (2005, p. 83). Assim, ela busca escapar da sujeição imposta aos habitantes de seu vilarejo e “inventar-se a si mesm[a] a partir de práticas da liberdade” (RAGO, 2006, p. 165).

Desse modo, Felicity não permite que a ideologia clerical nem as leis do patriarcalismo, que têm em seu filho e em seu marido, representantes, apaguem as suas singularidades. Vale salientar que o silêncio é normalmente visto como prática de exclusão ou como consentimento e passividade diante de uma força opressora. No caso de Felicity, todavia, pode-se afirmar que ele se constitui como agenciador de possibilidades (REVEL, 2005, p. 67), uma vez que se trata de uma prática livremente escolhida.

Nora quebra o silêncio de sua avó Felicity e declara que foi feita para viver: “[...] eu sou eu, Nora Atkins [...], ávida de todo conhecimento terrestre e marinho” (T, p. 114). Porém, ela também é vítima do discurso oficial do pastor Nicolas Jones: “Olivia e eu, as duas infantis e sem uma verdadeira linguagem, aderimos com todas as nossas forças à palavra da Escritura” (T, p. 119). Mas, apesar de frequentar a igreja, Nora não parece acreditar em tudo o que diz o tio. Na vida cotidiana, ela subverte a noção de moça bem comportada que prega o reverendo e tenta fugir do estereótipo que lhe é imposto usando termos chulos, “vocabulário de homem”.

A inversão de papéis é uma característica marcante da resistência dessa personagem diante da ordem estabelecida no seu vilarejo. Nora assume a atitude de “caçadora” e vai ao encontro de Stevens. Este surpreende-se com os modos de Nora, desprezando-a: “[...] urrando desaforos [...] Nora me desfeiteava

e me insultava, embriagando-se a si mesma com as despeitas e os insultos, o vocabulário grosseiro dos homens de Griffin Creek, com sua cólera brutal passando de repente pela sua boca de moça [...]” (T, p. 239-240). Assinale-se, a respeito desse fragmento, que Stevens reconhece que os homens de Griffin Creek são dados à brutalidade e à violência.

No discurso de Stevens e de Nicolas Jones, Nora aparece como assanhada ou perversa, mas no seu próprio livro, apesar de não conseguir fugir a esses rótulos, ela aponta a dificuldade de ser respeitada porque está sempre rindo (T, p. 117). É pertinente sublinhar que, da leitura que realizamos sobre a produção romanesca quebequense dos anos 30 e 40, notamos que a representação da mulher respeitada é a de uma figura triste, silenciosa, que vive esgotada por causa das numerosas gestações e do trabalho doméstico.

É fato que Nora não deixa de ser uma presa para Stevens, mas ela acredita que a relação entre eles poderia ser diferente: “seria tão fácil nos entendermos como duas pessoas, iguais uma à outra, na igualdade do seu desejo” (T, p. 125). No entanto, ela não consegue viver tal relacionamento porque Stevens compartilha, com seu tio Nicolas, o pensamento de que as mulheres do vilarejo são descendentes “de uma linha de mulheres obscuras” (T, p. 36). Ele as despreza: “Como eu detesto o mundo abafado das mulheres, suas reivindicações cochichadas entre elas, o dia inteiro [...]” (T, p. 87). Acredita que elas precisam ser desmascaradas e controladas: “Desmascarar todas elas. Tirar a única verdade de seu pequeno traseiro pretensioso” (T, p. 81); “[...] Seria preciso domá-las uma por uma, todas” (T, p. 89).

Diante dessa realidade opressora, Nora sente a necessidade de se afirmar, provoca Stevens e sua auto-confiança o incomoda. Consciente de seus desejos, Nora ri alto, reivindica a igualdade sobre a terra e exorciza sua revolta e sua cólera numa mistura de choro e riso: “Nora repete que eu não sou homem e que me detesta. Chora e ri ao mesmo tempo [...] A boca vociferante de Nora ao alcance da minha boca. [...] A sua risada gutural cascadeando” (T, p. 240).

O drama desse casal pode ser resumido no fato de que Nora deseja afirmar o seu poder e explorar o mundo, ao passo que Stevens, moldado pelos valores que reduzem a mulher ao silêncio, não aceita que ela pareça ser independente, superior a ele. Assim, acabará por assassiná-la. Cumpre ressaltar que a arma usada por Stevens para assassinar Nora são suas próprias mãos. Ele as usa para silenciá-la: “Minhas duas mãos no seu pescoço para acalmá-la com uma carícia [...] Simples pressão dos dedos. Ela cai de joelhos como um boi abatido.” (T, p. 240).

PALAVRAS FINAIS

Ao final do romance, o leitor pode ter a impressão de que a ideologia patriarcal vence, pois Stevens é absolvido sob o pretexto de que seu depoimento não procedeu conforme a lei: “[...] o tribunal de fevereiro de 1937 julgou-me e absolveu-me, pois minhas confissões a McKenna [detetive encarregado do caso] foram rejeitadas pelo júri e consideradas como extorquidas e improcedentes” (T, p. 245). No entanto, vemos que tanto ele como o tio continuam prisioneiros de Griffin Creek. Stevens afirma ter gravado na memória a cena do assassinato:

[...] juro que naquela noite as aves marinhas esvoaçavam aos bandos, em torvelinho por sobre três corpos deitados na areia de Griffin Creek. Seus gritos penetrantes gravados em minha memória, despertam-me, todas as noites, transformam-me em monte de peixe destripado vivo, sobre as mesas dos pescadores. Então, os gritos de Olivia no meio daquela algazarra [...] caem como gotas d’água no mar (T, p. 242-243).

Assim, percebemos que há uma revanche, para usar o termo de Lee Scott (1994, p. 392), das primas assassinadas sobre Stevens e Nicolas. Ao analisarmos o livro do reverendo, aquele que abre o romance, e a última carta de Stevens, que o fecha, verificamos que ambos os textos afirmam a perda da autoridade por parte desses dois agressores. A decadência de

Nicolas Jones é evocada pelo próprio pastor: “[...] O presente não tem mais poder sobre minha alma. Sou um velho que ouve vozes, vê formas e cores desaparecidas” (T, p. 23). E também pelo seu sobrinho Perceval: “[...] A voz do pastor torna-se rouca como a de um velho beerrão. A palavra dos profetas passa pela voz estragada do pastor” (T, 167). A mente atormentada de Stevens não permite que ele durma tranquilo: “Quando adormeço, evito virar-me para a parede de medo que aconteça alguma coisa por trás de mim” (T, p. 235). Com base nisso, verificamos que a violência infligida a Olivia e Nora não é esquecida. Stevens vive perseguido por seu passado:

Às vezes, eu seria capaz de jurar que as meninas Atkins estão aqui. Entraram não sei como. [...] Há muito tempo que andam atrás de mim. Nunca me largaram mesmo nos velhos países quando a terra pegava fogo [Stevens foi soldado durante a Segunda Guerra]. Os piores clarões de incêndio atraíam-nas, faziam-nas aparecerem de improviso, brilharem no jato do lança chamas, com o seu rostinho muito branco, seus olhos de afogadas. Entretanto eu as joguei ao mar na noite de 31 de agosto de 1936 (T, p. 235).

Stevens elimina os corpos das primas, mas não consegue eliminar o desejo feminino que sobrevive mesmo além-morte. Olívia declara em seu livro póstumo: “Não, não, não sou eu quem decide, é a maré que me leva [...] à praia de Griffin Creek, entre [...] as conchas, as algas cheias de iodo. Não, não, não sou eu, é o desejo que me puxa e me conduz, todo dia, à praia” (T, p. 218).

Finalmente, observamos que há um esvaziamento da autoridade dos agressores e a tomada da “palavra” por Olivia e Nora (SCOTT, 1994, p. 391), apontando para o fato de que o poder não permanece indefinidamente em um único lugar, já que “não há relações de poder que sejam completamente triunfantes e cuja dominação seja incontornável” (FOUCAULT, 2003, p. 232). Por isso, para Foucault, nenhum tipo de resistência é considerado menor, porque é o conjunto de resistências que desarticulam um discurso oficial. Daí o pensamento feminista

buscar desestabilizar “discursos institucionais e hegemônicos” (FUNCK, 1994, p. 44).

Em *Les fous de Bassan*, Anne Hébert narra o despertar de uma consciência feminista e delinea, de maneira complexa, os mecanismos que utiliza a sociedade patriarcal para oprimir a mulher. Trata-se da mulher que “age quase sempre na transgressão, para preservar o sentido da sua existência, ameaçada por uma ordem patriarcal opressora e que a sufoca” (SAINT-MARTIN, 1989, p. 190). Ao mostrar como as resistências desestabilizam a ordem estabelecida em Griffin Creek, que caminha em direção a sua ruína após os assassinatos ocorridos, Hébert aponta para a necessidade de uma reformulação das relações humanas e sociais, revelando uma preocupação que vai ao encontro do que caracteriza o pensamento feminista, que é o desejo de abalar uma estrutura social que exclui as mulheres e de criar “novos espaços sociais e outras condições subjetivas para as mulheres, na luta contra os modelos de feminilidade impostos pela dominação classista e sexista” (RAGO, 2006, p. 166).

REFERÊNCIAS

- ALLEN, A. Foucault on Power: a theory for feminists. In: HEKMAN, S. (Org). *Feminist Interpretations of Michel Foucault*. Pennsylvania: The Pennsylvania State University Press, 1996. p. 265-279.
- ANCRENAT, A. La galerie des ancêtres dans *Les fous de Bassan*. *Cahiers Anne Hébert*, n. 1, p. 9-28, 1999.
- BISHOP, N. B. Distance, point de vue, voix et idéologie dans *Les fous de Bassan* d'Anne Hébert. *Voix et Images*, v. 9, n. 2, p. 113-129, 1984.
- _____. **Marginalité, transgression, fantastique et féminisme.** In: _____. *Anne Hébert, son oeuvre leurs exils*. Bordeaux: Presses Universitaires de Bordeaux, 1993. p. 171-216.
- DUARTE, A. Biopolítica e resistência: o legado de Michel Foucault. In: RAGO, M. e VEIGA-NETO, A. (Org). *Figuras de Foucault*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p. 45-55.
- FELSKI, R. *Beyond Feminist Aesthetics: Feminist Literature and Social Change*. Cambridge: Harvard University Press, 1989.

- FONSECA, M. A. *Michel Foucault e a constituição do sujeito*. São Paulo: EDUC, 2003.
- FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Organização e Tradução Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- FOUCAULT, M. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Tradução Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 1987.
- _____. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- _____. Poder e saber. In: MOTTA, M. B. (Org). *Estratégia, Poder-Saber*. Tradução Vera Lucia A. Ribeiro. Rio de Janeiro, RJ: Forense Universitária, 2003. p. 223-240.
- FUNCK, S. B. Memória, experiência e a identidade de gênero. In: ANTELO, R. (Org). *Identidade e representação*. Florianópolis: EDEME, 1994. p. 43-47.
- HÉBERT, A. *Les Fous de Bassan*. Paris: Seuil, 1982.
- _____. *Os gansos selvagens de Bassan*. Tradução Vera de Azambuja Harvey. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.
- HEKMAN, S. (Org). *Feminist Interpretations of Michel Foucault*. Pennsylvania: The Pennsylvania State University Press, 1996.
- KHALIL, M. M. G. Teorias e alegorias da interpretação: no theatrum de Michel Foucault. In: SARGENTINI, V.; NAVARRO-BARBOSA, P. (Org). *Foucault e os domínios da linguagem: discurso, poder, subjetividade*. São Carlos: Claraluz, 2004. p. 217-230.
- LAMY, S. Le roman de l'irresponsabilité : *Les fous de Bassan*. *Spirale*, n. 29, p.2-3, 1982.
- MACHADO, R. Introdução: "Por uma genealogia do poder". In: FOUCAULT, M. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979. p. 9-25.
- RAGO, M. Foucault e as artes de viver do anarco-feminismo. In: RAGO, M.; VEIGA-NETO, A. (Org). *Figuras de Foucault*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006 . p. 165-175.
- REVEL, J. *Michel Foucault: Conceitos Essenciais*. São Carlos: Claraluz, 2005.
- SAINT-MARTIN, L. *Malaise et Révolte des femmes dans la littérature québécoise depuis 1945*. Qu bec: Groupe de Recherche multidisciplinaire féministe (GREMF), 1989.
- SAMPAIO, S. S. *Foucault e a resistência*. Goiânia : Ed. da UFG, 2006.
- _____. Resistências. *Revista Aulas*. Dossiê Foucault, n. 3, 2007.
- SCOTT, L. La réthorique de la folie : métaphore et allégorie dans *Les fous de Bassan*. *Voix et Images*, n. 2, vol. XIX, p. 374-393, 1994.